

>> entrevista **JOICE HASSELMANN**DEPUTADA FEDERAL
(PSL-SP)

Parlamentar diz confiar na Polícia Civil do DF e no Depol para descobrir o motivo da série de lesões que sofreu. Ela enfatiza as ameaças que recebe e admite ter muitos inimigos políticos

“Quero resposta para o que aconteceu comigo”» DENISE ROTHENBURG
» JOÃO VITOR TAVAREZ*
» PEDRO ÍCARO*

A deputada Joice Hasselmann (PSL-SP) desconfia de que as lesões que sofreu — hematomas, fraturas no rosto e na coluna e dentes quebrados — podem ter sido um atentado. Em 18 de julho, ela acordou no apartamento funcional que ocupa, na Asa Norte, com os machucados e sem saber o que aconteceu. “Eu tenho muitos inimigos políticos, isso não é novidade para ninguém. Mas não vou ser leviana de mencionar nomes, porque a polícia está investigando a situação”, afirmou, em entrevista ao programa CB.Poder, parceria entre o Correio e a TV Brasília.

A parlamentar não descarta, porém, que as lesões sejam decorrentes de acidente doméstico. “Lógico que a polícia vai ter de dizer. Estou sempre tomando o cuidado de dizer: ‘Gente, eu não descarto as quedas’”. Veja os principais trechos da entrevista:

As polícias Civil e Legislativa estão investigando esse mistério da madrugada de 18 de julho. Por que a senhora não acionou imediatamente a Polícia Federal? Por que demorou três dias para acionar a polícia?

Todo mundo me pergunta isso. Vamos pensar no óbvio. Acordei de bruços, com sangue. Achei que fosse do nariz. Vi que tinha um corte no queixo. Meu rosto estava completamente branquinho. Não tinha hematoma, tinha um dente quebrado na frente. A minha preocupação era muito mais estética, porque eu estava banguela. O que eu pensei: café, desmaiei, tive um mal súbito. Pessoas perguntam: ‘Por que você não foi ao hospital?’. O hospital estava na minha casa, meu marido é um dos neurocirurgiões mais bem-conceituados do país. Fez todos os primeiros socorros. Qualquer pessoa normal acharia aquilo que nós achamos: eu café. Não queria fazer tomografia naquele dia antes de resolver o problema do meu dente: ‘Não vou sair banguela desse jeito’. No outro dia, apareceu um hematoma no rosto. Meu marido falou: ‘Você vai ter de fazer tomografia’. Eu concordei, mas pedi para esperar mais um pouco: ‘Vou ao dentista e, depois, vou fazer a tomografia’. Quando o laudo ficou pronto, o doutor Kalil falou: ‘Que pancada menina, porque você está com cinco fraturas no rosto e uma na coluna’. Imediatamente, comuniquei ao meu marido, Daniel. Começamos a levar em consideração que pudesse ter acontecido alguma coisa, que eu pudesse ter caído várias vezes, mas aí a questão é por que não lembro? Informamos ao Depol (Departamento de Polícia Legislativa), que me escolta, por causa das ameaças de morte.

Suspeito de atentado após o laudo?

É uma desconfiança de que algo poderia ter acontecido. Lógico que a polícia que vai ter de dizer. Estou sempre tomando todo cuidado de dizer ‘gente, eu não descarto as quedas’.

Convulsão está descartada?

Não tenho histórico nem de sonambulismo, nem de convulsão, nem de desmaio, nada. Ontem (terça-feira), a Polícia Civil passou aqui umas 16h/17h, fazendo a reconstituição e, obviamente, o apartamento foi limpo. Ninguém ia deixar sangue no chão, imaginando que se tratava de um acidente doméstico, mas eles têm todos aqueles pós mágicos da polícia, luminol, aquela coisa de CSI, investigação.

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



É uma desconfiança de que algo poderia ter acontecido. Lógico que a polícia que vai ter de dizer. Estou sempre tomando todo cuidado de dizer ‘gente, eu não descarto as quedas’”

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Encontraram alguma impressão digital em seu apartamento?

Ainda não. Mas eu fiz uma pergunta ao delegado, pois era uma coisa que estava me incomodando: ‘Delegado, sobre o objeto que nós encontramos aqui, é possível que tenha uma impressão digital, ainda que o item estivesse num tapete de pano e rolando debaixo do tapete?’, questionei. ‘É possível’, ele me respondeu.

Onde e quando esse objeto foi encontrado?

Estava na sala. Foi encontrado um pouco antes da coletiva de imprensa (domingo), quando alguns ajudantes meus encurtaram a parte retrátil do sofá e avistaram o objeto, armazenado em um plástico e, depois, entregue à polícia.

Por que levanta suspeita de atentado por razões políticas?

Eu tenho muitos inimigos políticos, isso não é novidade para ninguém. Mas não vou ser leviana de mencionar nomes, porque a polícia está investigando a situação. O fato é que estamos em apartamento funcional e constatamos, depois, a suspeita de que o caso poderia não ter sido provocado por uma queda ou pancada na cabeça. Mas veja: estou colocando tudo no sentido condicional. Sem querer acusar alguém, relatei à polícia dois fatos recentes envolvendo questões políticas, mas que não vou citá-los pois estaria atrapalhando a investigação da polícia. Uma coisa fica muito clara: a vulnerabilidade dos imóveis funcionais em relação às câmeras de segurança. Nós não temos câmeras de segurança nas escadas nem na frente dos apartamentos. Isso poderia ser resolvido imediatamente, ou descartada qualquer hipótese, ou comprovada invasão no meu apartamento. Então, o fato de ter vários pontos cegos — do

qual também pedi análise da Polícia Civil —, deixa especialmente as mulheres bastante apavoradas. Como é que teremos imagens de um local em que não há câmeras? Essa vulnerabilidade fica muito evidente.

A Câmara já deu alguma resposta se vai instalar câmeras?

Até foi um dos argumentos do Depol. Eu perguntei ao delegado o porquê de não ter câmera. Ele me disse ser uma questão de privacidade do parlamentar. Mas isso aqui é uma extensão da Câmara, né? A questão da privacidade não está acima da questão da segurança física e da segurança moral. Inclusive, a bancada feminina, por meio da Procuradoria, fez pedido ao presidente da Câmara, para que sejam instaladas câmeras nos imóveis funcionais.

O que quis dizer com a frase: “Não quero acabar como o PC Farias”?

Quis dizer que quero uma resposta, da investigação, para o que aconteceu comigo. De novo: não é novidade que eu sofro ameaça de morte há bastante tempo. Já chegaram a entregar a cabeça de um porco na minha casa, dizendo que iriam me decapitar. As ameaças são constantes. A própria Polícia Legislativa, junto à polícia de São Paulo, chegou a uma pessoa que tem porte de arma e que fazia ameaças de morte a mim. Só que o crime de ameaça é ridículo, cuja punição é prestar serviços comunitários. Claro que fiquei apavorada com a possibilidade de ter acontecido uma agressão a mim dentro de um imóvel funcional. Então, temos de buscar todas as respostas. Eu confio na Polícia Civil do DF e no Depol para isso.

Fez o exame toxicológico? Houve versões de que a senhora teria se negado.

Eu tenho muitos inimigos políticos, isso não é novidade para ninguém. Mas não vou ser leviana de mencionar nomes, porque a polícia está investigando”

Claro que eu fiz, gente. Eu não sei de onde que tiram essas ideias (de que teria se recusado). Isso aí é maldade plantada, como também uma maldade plantada de um carro todo quebrado, parecido com o meu, e gente espalhando que eu bati o carro drogado — logo eu, que nunca fumei um cigarro na vida — e que tentei entrar com nome falso em um hospital. Lógico que vou processar todas as pessoas que estão com essa versão. Tanto que pedi que a polícia fizesse uma perícia no meu carro.

Como o seu marido não acordou no dia em que a senhora ficou machucada?

Só lembro de quando estava desacordada no chão. Se alguém entrou no apartamento e me agrediu na cabeça, como é que o meu marido ouviria a três cômodos de distância e com a porta fechada, assim como eu? Tenho hábito de dormir com a porta fechada por conta dos meus gatos.

Acredita mais na Polícia Legislativa do que na Polícia Civil?

Não. O Depol é o foro mais adequado para investigar o caso, porque eu estava (no dia do episódio) em um imóvel que é extensão da Câmara. A Polícia Civil também foi acionada e entrou no caso. Eu pedi que o MP entrasse no caso. É preciso deixar claro: não tenho problemas nenhum com a Polícia Federal. Mas é óbvio, todo mundo sabe, que o presidente da República fez interferência na Polícia Federal, o que motivou a saída de Sérgio Moro do governo. Não é que não confio na polícia. Não confio no governo, que me tem como desafeto.

*Estagiários sob a supervisão de Cida Barbosa

**Nas entrelinhas**por Luiz Carlos Azedo
luizazedo.df@dabr.com.br**Dualidade de políticas**

Um episódio emblemático demonstra que o governo Bolsonaro passará a ter duas políticas, que podem se antagonizar no decorrer do processo. No mesmo dia em que o novo ministro da Casa Civil, Ciro Nogueira (PP-PI), sentava na cadeira de ministro, a Secretaria de Comunicação da Presidência divulgou nas redes sociais uma mensagem comemorativa do Dia do Agricultor, com uma foto de um homem armado com um rifle, em vez das tradicionais imagens de agricultores exibindo as mãos calejadas, suas ferramentas de trabalho ou mesmo um trator. Diante da repercussão negativa, a nota foi substituída por uma tabela com indicadores de invasões de terra. Para bom entendedor, foi um recado subliminar de que a paz no campo seria obtida fazendo justiça pelas próprias mãos.

Sabe-se que Bolsonaro governa com um grupo de generais de sua confiança — Luiz Ramos, transferido para a Secretaria-Geral da Presidência; Augusto Heleno, ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional (GSI); e o general Braga Netto, ministro da Defesa — e o clã formado com os filhos Flávio (senador), Eduardo (deputado federal) e Carlos (vereador), o verdadeiro responsável pela política de comunicação do governo e operador das redes sociais de Bolsonaro. Foi dele, provavelmente, a ideia de publicar a foto. Como em outros momentos do governo, toda vez que Bolsonaro se afasta da narrativa de sua campanha eleitoral, como agora, ao empoderar o Centrão no Palácio do Planalto, logo surge alguma coisa que sinaliza para a base bolsonarista que o presidente não abandonou seus compromissos de extrema-direita.

Político profissional habilidoso, Ciro Nogueira não é ingênuo e sabe muito bem o que vai enfrentar na Casa Civil para mudar o eixo de atuação do governo. Trata-se de abandonar a radicalização e o confronto com os demais Poderes e optar por uma política de formação de maioria no Congresso e reaproximação com os eleitores que se afastaram de Bolsonaro, por causa do seu radicalismo e do mau desempenho do governo. Sua presença na Casa Civil não terá nenhum sentido se tudo continuar como antes. Bolsonaro até tentou retroceder do convite, mas não lhe foi possível, porque seria uma desfeita com Nogueira e o PP. Políticos profissionais não são como generais que aceitam ordem unida, tudo tem algum tipo de barganha.

O novo ministro da Casa Civil, porém, precisa fazer uma demonstração de força política. Até agora, seu maior trunfo é o apoio do presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL). A oportunidade para isso será a cerimônia de posse no cargo, prevista para o próximo dia 3, à qual pretende convidar os velhos caciques do PP remanescentes da antiga Arena e do PSD, como Delfim Neto e Francisco Dorneles, e seus aliados dos demais partidos do Centrão. Nos bastidores do Senado, o Palácio do Planalto tenta se reaproximar da maioria da bancada do MDB, que tem dois líderes de governo, o do Senado, Fernando Bezerra (PE), e o do Congresso, Eduardo Gomes (TO). A ideia é forçar uma reunião para desautorizar o líder, Eduardo Braga (AM), e o relator da CPI da Covid, senador Renan Calheiros (AL). Não é da tradição da legenda confrontos dessa ordem, porque o MDB é uma confederação de caciques regionais, que convivem na divergência, uns na oposição e outros na base do governo.

Verdades e mentiras

A maior demonstração de que há uma dualidade de políticas no Palácio do Planalto foi dada pelo próprio presidente Bolsonaro, que voltou a responsabilizar o Supremo Tribunal Federal (STF) pela desastrosa atuação do Ministério da Saúde, ao afirmar que uma decisão da Corte impediu que o governo combatesse a pandemia. A resposta do STF foi inédita e pelas redes sociais, o que assinala uma mudança de postura.

Seu presidente, ministro Luiz Fux, mandou divulgar um vídeo no qual parafraseou o chefe de propaganda do regime nazista de Adolf Hitler, Joseph Goebbels: “Uma mentira repetida mil vezes vira verdade? Não. É falso que o Supremo tenha tirado poderes do presidente da República de atuar na pandemia. É verdadeiro que o STF decidiu que União, estados e prefeituras tinham que atuar juntos, com medidas para proteger a população. Não espalhe fake news! Compartilhe as #Verdades-doSTF”. Goebbels dizia que uma mentira repetida mil vezes vira verdade, o que parece ser uma máxima da política de comunicação de Bolsonaro nas redes sociais.

“Goebbels dizia que uma mentira repetida mil vezes vira verdade, o que parece ser uma máxima da política de comunicação de Bolsonaro nas redes sociais”